



doi A ética do cuidado e a sociedade democrática

The importance of the implicit concept of *self* in the Ethics of Care

id Roseana Moraes Garcia*

Resumo: A sociedade, na psicanálise winniciotiana, é entendida como um somatório de indivíduos, desse modo, a saúde social, ou seja, a possibilidade de vivermos numa sociedade democrática depende da saúde individual. A saúde individual está, por sua vez, ligada ao cuidado que todo ser humano necessita para poder amadurecer e desenvolver a capacidade para ser ético. Neste trabalho, pretendo mostrar que a ética que possibilita a construção de uma sociedade democrática é a ética do cuidado.

Palavras-chave: ética, cuidado, democracia, Winnicott.

Abstract: The society, in winniciotian psychoanalysis, is understood as a sum of individuals, thereby, social health, in other words the ability to live in a democratic society depends on individual health. The individual health is, in turn, linked to care that every human being needs in order to mature and develop the ability to be ethical. In this paper I intend to show that ethics which enables the construction of a democratic society is the ethic of care.

Key-words: ethic, care, democracy, Winnicott.

* Psicanalista, professora e supervisora da SBPW.

Assim como Freud, também Winnicott, não apenas como psicanalista, mas como um intelectual concernido pelas questões sociais do seu tempo, sobre as quais reflete a partir de seus estudos da natureza humana, nos brindou com uma série de artigos acerca da sociedade humana e dos problemas cruciais que a envolvem. Neles, Winnicott formula ideias sobre a liberdade, a democracia, as ditaduras e as guerras. Todos esses temas, e principalmente o da construção de uma sociedade democrática, estão, dentro da psicanálise winniciotiana, intrinsecamente ligados ao cuidado, tanto o cuidado inicial que todo bebê humano necessita para poder amadurecer como o cuidado que em um determinado estágio do amadurecimento o bebê começa a ter em relação à pessoa que cuida dele, que na maioria dos casos é sua própria mãe. Tal cuidado está na origem do desenvolvimento da capacidade para o senso ético do indivíduo humano. Desse modo, a psicanálise winniciotiana, que cuida da relação mãe-bebê e da relação analista-analisando, surpreendentemente se revela uma teoria do amadurecimento não apenas pessoal, mas também social.

Na visão winniciotiana, a sociedade é “formada, mantida e continuamente reconstruída por indivíduos”, e estes, por sua vez, não alcançam sua realização pessoal sem pertencerem a uma sociedade: a existência da sociedade só é possível dentro “dos processos de crescimento coletivo dos indivíduos que a compõem” (1969c[1971a]/1975, p. 149). Com este entendimento, Winnicott se sente, como ele mesmo diz, “justificado por estudar a sociedade (como outros já fizeram) em termos do crescimento individual em direção à realização pessoal” (1969c[1971a]/1975, p. 149). Afirma Winnicott: “Vou estudar o conceito da saúde do indivíduo, porque a saúde social depende da saúde individual; a sociedade não passa de uma reduplicação maciça de indivíduos” (1971f[1986b]/1989, p. 3).

Na psicanálise winniciotiana, um indivíduo só será maduro e saudável, entre outras coisas, se conseguir integrar, à sua personalidade, a destrutividade, inerente à natureza humana, que é matéria-prima para a construtividade, no sentido de poder se transformar em contribuição para a vida em sociedade. Para Winnicott, é pela possibilidade de remendar os estragos que imagina fazer no outro que a criança (pessoa) pode brincar e posteriormente trabalhar e contribuir criativamente para o seu grupo social. Além disso, a pessoa saudável desenvolve um senso ético que, embora seja inato, precisa do favorecimento ambiental, ou seja, de cuidados, para estabelecer-se como uma capacidade de se identificar com o outro, o que permite que ela fique concernida para com as outras pessoas, e faça reparações, pois houve quem, na infância inicial, reconhecesse a dádiva que ela ofereceu ao deparar-se com a culpa. Tudo isso envolve a entrada no círculo benigno do machucar e curar e a capacidade para as identificações cruzadas. Pessoas que se desenvolvem nessa linha são os membros maduros da

sociedade. A conquista da maturidade pressupõe, portanto, a presença de um ambiente suficientemente bom que permita ao indivíduo realizar sua tendência à integração. Desse modo, são os cuidados que ele recebe desde seu nascimento, dentro da sua família, que irão capacitá-lo a ser um membro saudável da sociedade e gerar uma tendência no sentido da democracia. Diz Winnicott que

[...] as tendências naturais na natureza humana (hereditárias) desabrocham e florescem no modo de vida democrático (maturidade social), mas isso só ocorre através do desenvolvimento emocional saudável dos indivíduos; apenas uma parte dos indivíduos num grupo social vai ter a sorte de se desenvolver até a maturidade, portanto somente através dela é que se pode implementar a tendência inata (herdada) do grupo em direção à maturidade social. (Winnicott, 1950a[1986b]/1989, p. 253n)

Conforme Winnicott, para que possamos viver em uma democracia são necessárias inúmeras conquistas no campo da saúde psíquica individual. A própria democracia, para ele, é uma indicação de saúde “porque ela se origina, de modo natural, da família, que é em si mesma uma construção pela qual os indivíduos saudáveis são responsáveis” (1971f[1986b]/1989, p. 22).

Entendendo a sociedade como o somatório de vários indivíduos, Winnicott acredita que só é possível existir um modo de vida democrático se essa mesma sociedade for composta por uma quantidade suficiente de indivíduos saudáveis.

Nas comunidades em que há uma proporção suficientemente elevada de indivíduos maduros existe um estado de coisas que proporciona a base para o que chamamos democracia. Se a proporção de indivíduos maduros se encontra abaixo de certo número, a democracia não poderá se tornar um fato político, na medida em que os assuntos da comunidade receberão a influência de seus membros menos maduros, aqueles que, por identificação com a comunidade, perdem a sua individualidade, ou aqueles que jamais alcançaram mais do que a atitude do indivíduo dependente da sociedade. (Winnicott, 1988/1990, p. 173)

Precisamos então saber qual é a proporção de indivíduos saudáveis que uma sociedade precisa para que possa “*existir uma tendência inata em direção à criação, à recriação e à manutenção da máquina democrática*” (Winnicott, 1950a[1986b]/1989, p. 253, itálicos do autor). Ou, como pergunta Winnicott, “quantos indivíduos antissociais uma sociedade pode conter sem que a tendência democrática inata submerja?” (Winnicott, 1950a[1986b]/1989, p. 253).

No entanto, antes de prosseguirmos, observaremos o que Winnicott entende por tendência democrática inata e máquina democrática.

Basicamente, o que Winnicott denomina de máquina democrática é a manutenção, dentro da sociedade, da possibilidade de seus membros elegerem e se livrarem de seus governantes, por meio

do voto livre e secreto. É fundamental que o voto seja secreto para permitir que o povo tenha liberdade de “expressar seus sentimentos mais profundos, separados dos pensamentos conscientes” (Winnicott, 1950a[1986b]/1989, p. 252). Winnicott entende que, se o indivíduo for suficientemente saudável, ele se responsabiliza totalmente pelo seu voto. A decisão em quem votar é resultado de um processo que necessita de trabalho e tempo: o indivíduo torna pessoal e interna a luta política que é externa, e isso “significa que ele percebe a cena externa em termos de sua própria luta interna, e temporariamente permite que sua luta interna seja travada em termos da cena política externa” (Winnicott, 1950a[1986b]/1989, p. 252). Este processo é parecido com o vivido no concernimento, no qual o indivíduo precisa de tempo para “digerir” e reordenar, no seu mundo interno, os elementos incorporados nas suas experiências. Por esse motivo, seria péssimo que as eleições fossem repentinhas e não fosse permitido um período de tempo, mesmo que limitado, para o votante transformar seu mundo interno em arena política e decidir seu voto como expressão da resolução da sua luta interna.

Entretanto, Winnicott aponta para o fato de que a máquina democrática não pode ser imposta a uma sociedade; é a tendência inata à democracia que pode constituí-la e dar continuidade a ela. Se a máquina democrática for imposta, essa situação não terá nada em comum com a verdadeira democracia, pois será necessário, nesse caso, ter sempre alguém responsável pela manutenção da “máquina (para eleições secretas etc.) e também para forçar as pessoas a aceitarem os resultados” (Winnicott, 1950a[1986b]/1989, p. 253). Essa imposição está irremediavelmente fadada ao fracasso, o que implica um retrocesso do crescimento democrático verdadeiro. O único caminho a ser percorrido para a verdadeira democracia, se ela não existe em uma sociedade, é “apoiar os indivíduos emocionalmente maduros, mesmo que eles sejam poucos, e deixar que o tempo faça o resto” (Winnicott, 1950a[1986b]/1989, p. 262).

A tendência democrática inata em uma sociedade só pode ser proporcionada e mantida por um número suficiente de indivíduos saudáveis; tudo depende deles e pode-se descobrir, afirma Winnicott, que, nesse caso, somos impotentes, pois “nada podemos fazer para aumentar a quantidade do fator democrático inato comparativamente ao que foi feito (ou não) pelos pais e lares dos indivíduos quando bebês, crianças e adolescentes” (Winnicott, 1950a[1986b]/1989, p.257). São os bons lares comuns que fornecem o único contexto em que se pode criar o fator democrático inato.

Conhecemos algumas das razões que fazem essa longa e exigente tarefa – o trabalho dos pais de conhecer [e cuidar] dos filhos – valer a pena, e, de fato, acreditamos que esse trabalho provê a única base real para a sociedade, sendo o único fator para a tendência democrática do sistema social de um país. (Winnicott, 1957o[1986b]/1989, p. 118)

Retomando a questão da proporção de indivíduos saudáveis que uma sociedade deve comportar a fim de ser e continuar sendo democrática, Winnicott, no seu artigo “Algumas reflexões sobre o significado da palavra democracia”, recorre a uma formulação matemática de percentuais entre indivíduos saudáveis e não saudáveis do ponto de vista do diagnóstico psicanalítico e supõe que o percentual mínimo de pessoas maduras, suficiente para indicar uma tendência democrática inata, seria em torno de 30 por cento; a suposição é que esses 30 por cento conseguiriam influenciar mais 20 por cento de indivíduos não saudáveis “a ponto de eles serem incluídos entre os maduros”, de tal modo que os indivíduos maduros totalizassem 50 por cento da sociedade. Com menos do que 30 por cento de pessoas realmente saudáveis é impossível, na visão winnicottiana, chegar aos 50 por cento de indivíduos maduros necessários para a manutenção da máquina democrática. Se o percentual de indivíduos realmente maduros, em uma sociedade, for menor do que 30 por cento, os não saudáveis seriam a maioria, e dessa maioria surgiria, segundo Winnicott, uma tendência antidemocrática, muito provavelmente uma tendência para a ditadura.

Pode parecer que Winnicott, quando escreveu seu artigo sobre democracia, estivesse fazendo uma brincadeira com as porcentagens de saúde necessárias para uma vida democrática, mas é de extremo interesse atentar para o que ele está nos mostrando: se, em uma determinada sociedade, as mães e os pais não estão conseguindo cuidar suficientemente bem de seus bebês e de suas crianças, isto irá pesar no futuro, pois uma grande porcentagem de indivíduos que serão psiquicamente doentes terá que ser sustentada pela sociedade como um todo; se os indivíduos doentes forem a maioria, a própria sociedade corre o risco de adoecer. Winnicott chega a afirmar que, “caso se estrague ou se impeça a tremenda contribuição da mãe, realizada através da sua devoção, não resta nenhuma esperança de que o indivíduo passe para o grupo dos [indivíduos maduros], que gera sozinho o fator democrático inato” (Winnicott, 1950a[1986b]/1989, p. 260). Vemos aqui a enorme importância atribuída por Winnicott aos cuidados maternos no início da vida dos bebês e às condições ambientais propiciadas para que as mães possam realizá-los de maneira satisfatória. Aqui verificamos o amadurecimento pessoal influenciando diretamente no amadurecimento social.

Outro ponto importante, levantado por Winnicott no tocante à questão democrática, “é o fato de se eleger uma pessoa” (1950a[1986b]/1989, p. 260). Para ele, há muita diferença do ponto de vista do amadurecimento pessoal entre eleger uma pessoa ou eleger um partido ou um conjunto de ideias.

O voto em uma pessoa é o mais amadurecido, pois eleger uma pessoa é acreditar em si mesmo como pessoa e consequentemente acreditar no eleito como pessoa, o que permitirá, ao eleito, a oportunidade de agir como pessoa. Isso significa que o eleito, como pessoa total, é visto como aquele

que “traz o conflito dentro de si, o que o capacita a ter uma visão, ainda que pessoal, da situação externa total” (Winnicott, 1950a[1986b]/1989, p. 260). O eleito, é claro, sempre pertence a um partido ou a uma tendência política, mas, como pessoa total, ele tem a capacidade de se adaptar às novas situações que porventura apareçam.

O voto em um partido ou em uma tendência grupal é muito menos maduro do que o voto em uma pessoa, pois, como alerta Winnicott, não se torna necessário, nessa condição, confiar em um ser humano. O indivíduo, por não ter alcançado a maturidade e por não ser uma pessoa total, pode não confiar na existência de pessoas totais. Assim, o indivíduo vota em uma coisa, e não em uma pessoa. A coisa eleita não pode conter os conflitos dentro de si, pois não é uma pessoa, e desse modo não pode ser amada, nem odiada, não pode ser criativa, tampouco pode se adaptar a condições que se modifiquem. Portanto, votar puramente em ideias, e não em uma determinada pessoa que defende determinadas ideias, é muito menos amadurecido do ponto de vista emocional.

E, por fim, os plebiscitos, para Winnicott, são, surpreendentemente, votações que nada têm a ver com democracia, embora ele ressalte que um plebiscito possa “se ajustar, em situações excepcionais, a um sistema maduro” (Winnicott, 1950a[1986b]/1989, p. 261). Essa conclusão winnicottiana está apoiada na afirmação de que “nesse tipo de consulta só há espaço para a expressão dos desejos conscientes” (Winnicott, 1950a[1986b]/1989, p. 261). Ele exemplifica apontando que é muito diferente votar a favor da paz (abstratamente), do que votar em uma pessoa que é não só reconhecidamente defensora da paz, como também, em situações nas quais for preciso defender valores importantes, possa liderar uma guerra.

Outra questão levantada por Winnicott, relativa à eleição de pessoas, é a quase não existência de mulheres ocupando cargos-chave na política mundial, fato que permanece atual até hoje. Passando, então, a investigar as motivações inconscientes que levam a esse fato, Winnicott formula a ideia, proveniente de seu trabalho psicanalítico, de que todas as pessoas, independentemente de serem homens ou mulheres, têm “um certo medo da MULHER” (Winnicott, 1950a[1986b]/1989, p. 263). A palavra mulher é escrita em letras maiúsculas por Winnicott para assinalar que não se trata do medo de uma mulher específica, mas do medo da mãe, que teve um poder absoluto no início da existência infantil, o poder de prover ou de fracassar em prover as bases para o estabelecimento inicial do si-mesmo. Esse medo – que pode variar de pessoa para pessoa – está ligado ao fato de que todo ser humano, “que tem o sentimento de ser uma pessoa no mundo, e para o qual o mundo significa alguma coisa” (Winnicott, 1957o[1986b]/1989, p. 119), tem um débito para com uma mulher, aquela da qual ele pôde depender de maneira absoluta, no início da sua vida. O resultado do reconhecimento desse

débito, se a mãe foi suficientemente boa e propiciou a dependência, não vai ser gratidão, ou elogios, mas uma diminuição desse medo. Caso a dependência não seja reconhecida, por falha do ambiente, o indivíduo vai desenvolver um medo de MULHER que inclui sempre um medo da dominação. Aqui está, para Winnicott, uma das origens de um ditador, ou seja, o indivíduo que teme inconscientemente ser dominado por uma mulher tenta “controlá-la através de um enclausuramento, agindo por ela, e por sua vez demandando sujeição e amor totais” (Winnicott, 1957a[1986b]/1989, p. 119). Entretanto, o medo da dominação não evita que as pessoas busquem efetivamente por ela. O medo de ser dominado por uma *mulher da fantasia* leva os indivíduos a procurarem uma dominação que seja real, pois ser dominado por um ser humano conhecido é menos assustador. Nesse sentido, a explicação para o fato de haver tão poucas mulheres em cargos importantes na política mundial é a seguinte: a relação de dependência absoluta que um bebê vive no início com a mãe não possui correlato na sua relação com o pai. Por isso, para Winnicott, as pessoas (homens ou mulheres) avaliam “de modo mais objetivo um homem que esteja por cima, no sentido político, do que uma mulher que ocupe a mesma posição” (Winnicott, 1950a[1986b]/1989, p. 264).

Quando, em uma democracia, elegemos um governante, permitimos que durante um determinado período de tempo esse governante tome decisões por nós, sem uma consulta ponto a ponto, como seria feito em uma democracia direta. Essa permissão, segundo Winnicott, reside no fato de que, mesmo em seres humanos maduros, existe um resíduo da relação pai-filho, que pode ser utilizada na relação governante-governados com grandes vantagens. No entanto, para que essa situação seja possível, “uma proporção suficiente de indivíduos precisa ser crescida o bastante para não se importar de brincar de ser criança” (Winnicott, 1950a[1986b]/1989, p. 266).

Para Winnicott, quando há saúde, o voto democrático, que necessariamente é secreto, funciona como possibilidade de eliminar de tempos em tempos (nas eleições) o governante; desse modo, o governante é “democraticamente assassinado”. Diz Winnicott que:

A disposição de tolerar que a coisa não ocorra do seu jeito, quando alguém não consegue obter o apoio da maioria, é uma aquisição humana impressionante, que envolve muito desgaste e muita dor. Só é possível se houver uma permissão de gratificação, através do ato de, periodicamente e de modo ilógico, livrar-se do líder. (Winnicott, 1986a[1986b]/1989, p. 223)

O indivíduo saudável assume no voto a responsabilidade por essa eliminação, e para que isso seja possível é necessário que ele possa ser agressivo nesse sentido. “Sem dúvida, o essencial da democracia é que o povo não apenas eleja, mas também se livre de seus líderes e assuma essa responsabilidade” (Winnicott, 1986a[1986b]/1989, p. 223). O motivo primário para a remoção de um

político é subjetivo e será encontrado no sentimento inconsciente, de maneira que, se os políticos quiserem se perpetuar no poder, torna-se manifesta uma série de fenômenos que agregam ódio não expresso e agressividade não satisfeita. O resultado disso acaba sendo um reforço da tendência à guerra, às revoluções, ou à ditadura (cf. Winnicott, 1986[1986b]/1989, p. 224).

Em 1940, em plena Segunda Grande Guerra, Winnicott escreve a respeito dos nazistas: “Os nazistas, que obviamente adoram que se lhes diga o que fazer não se sentem responsáveis pela escolha de um líder, e são incapazes de derrubá-lo, sendo pré-adolescentes nesse sentido” (Winnicott, 1986[1986b]/1989, p.224).

Com essa afirmação, Winnicott mostra que a emergência, dentro de uma determinada sociedade, da necessidade de um líder para obedecer quase que cegamente, como aconteceu no nacional-socialismo alemão, está calcada, pelo menos em parte, na falta de amadurecimento dos indivíduos que compõem essa sociedade. A atitude dos nazistas de “confie e ame seu líder” só é normal para o rapaz imaturo e pré-adolescente (cf. Winnicott, 1986[1986b]/1989, p. 218). Segundo ele,

[...] a tolerância do antagonismo é a coisa mais difícil de conseguir em política. É sempre mais fácil fortalecer-se e empurrar as fronteiras um pouquinho mais ou fazê-las passar por cima da cabeça do povo, dominando o grupo social, de modo que não haja liberdade para esse grupo, ainda que haja liberdade para o grupo maior e mais forte que obteve o domínio. Isso é um reflexo do tipo de coisa que pode acontecer no indivíduo quando o fascínio por um líder ou por determinada ideia dá ao indivíduo certeza absoluta de suas ações e o transforma num ditador que não possui dúvidas, nem apresenta hipocondria ou depressão, mas apenas e tão somente uma compulsão para manter o domínio. Esse é o domínio do bom sobre o mau, mas a definição de bom e mau é privilégio do ditador e não uma questão a ser discutida entre os indivíduos que compõem o grupo, não ficando, portanto, sob revisão constante no que diz respeito ao seu significado. Pode-se dizer que, até certo ponto, a ditadura sucumbe porque o significado fixo atribuído ao bom e ao mau eventualmente torna-se entediante, e as pessoas tornam-se desejosas de arriscar a vida pela causa da espontaneidade e da originalidade. (Winnicott, 1986c[1969]/1989, p. 233)

Diante de todas essas considerações, podemos concluir que são os bons lares comuns que “fornecem o único contexto em que se pode criar o fator democrático inato” (Winnicott, 1986[1986b]/1989, p. 257). Uma importante consequência prática a ser tirada da perspectiva winniciotiana acerca da democracia consiste em que uma das mais consistentes possibilidades da existência de uma sociedade mais amadurecida e, portanto, mais democrática, menos violenta e menos delinquente, está na criação suficientemente boa dos filhos. Não para que eles não sejam agressivos, mas para que a agressividade possa estar integrada e seja bem usada, para fins de defesa do que tem valor ou para fins de contribuição para uma sociedade melhor. Este estudo conduz à

conclusão de que esse é o principal fator para que mudanças sociais verdadeiras possam acontecer. Entendendo a democracia dessa maneira, a prevenção em saúde psíquica torna-se fundamental e fator principal no delineamento de políticas públicas de saúde. É esse o nicho no qual entendo que a teoria psicanalítica winniciotiana tenha muito a contribuir. Nas palavras de Winnicott:

O tema do ambiente facilitador capacitando o crescimento pessoal e o processo de amadurecimento tem que ser uma descrição dos cuidados que o pai e a mãe dispensam, e da função da família. Isso leva à construção da democracia como uma extensão da facilitação familiar, com indivíduos maduros eventualmente tomando parte de acordo com sua idade e capacidade na política e na manutenção e reconstrução da estrutura política. (Winnicott, 1986f[1970]/1989, p. 113)

Referências

- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971; respeitando-se a classificação de Huljmand temos 1971a. Título original Playing and Reality)
- Winnicott, D. W. (1975). Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. In D. Winnicott (1975/1971a), *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1969; respeitando-se a classificação de Huljmand temos 1969c)
- Winnicott, D. W. (1989). O conceito de indivíduo saudável. In D. Winnicott (1989/1986b), *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1971; respeitando-se a classificação de Huljmand temos 1971f)
- Winnicott, D. W. (1989). Algumas reflexões sobre o significado da palavra “democracia”. In D. Winnicott (1989/1986b), *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1950; respeitando-se a classificação de Huljmand temos 1950a)
- Winnicott, D. W. (1989). A contribuição da mãe para a sociedade. In D. Winnicott (1989/1986b), *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1957; respeitando-se a classificação de Huljmand temos 1957o)
- Winnicott, D. W. (1989). A cura. In D. Winnicott (1989/1986b), *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986[1970]; respeitando-se a classificação de Huljmand temos 1986f[1970])

Winnicott, D. W. (1989). Discussão dos objetivos da guerra. In D. Winnicott (1989/1986b), *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986; respeitando-se a classificação de Huljmand temos 1986l)

Winnicott, D. W. (1989). Os muros de Berlim. In D. Winnicott (1989/1986b), *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986[1969]; respeitando-se a classificação de Huljmand temos 1986c[1969]

Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988; respeitando-se a classificação de Huljmand temos 1988. Título original Human Nature)